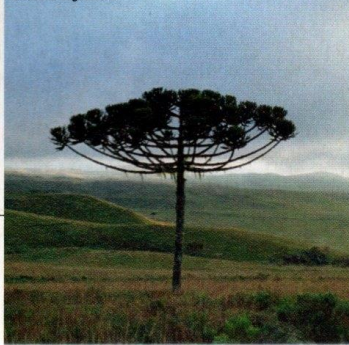


### JULHO

#### Amarelo é cor da estação

O cenário mais típico de inverno é o dos campos sulinos, onde as várias espécies de capim nativo estão amareladas, devido à seca. Elas compõem a paisagem com pequenos capões de araucárias (*Araucaria angustifolia*), o pinheiro brasileiro de aparência inconfundível, com seu tronco ereto e galhos arqueados, de tufos espinhosos nas pontas. Em julho ainda caem as últimas pinhas – o fruto da araucária –, derramando os saborosos e nutritivos pinhões que garantem a sobrevivência de várias espécies da fauna da região Sul e das montanhas do Sudeste. Para algumas etnias indígenas – Kaingáng, por exemplo –, o alimento é igualmente importante. Tanto que há uma tradição de consumo dos pinhões assados e até da fabricação de farinha. Esses índios também armazenavam as pinhas enterradas em riachos rasos, sob a água corrente, para aumentar sua durabilidade e impedir a brotação.

*Araucaria angustifolia*

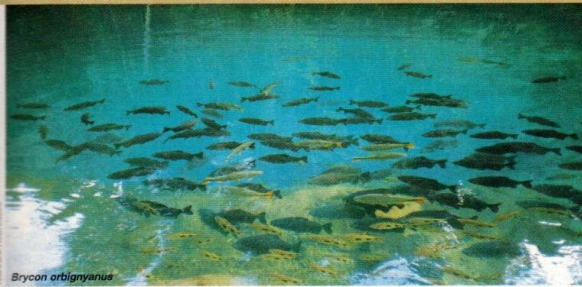


SEBASTIÃO  
LEOPARDUS WIEDII

#### Recurso contra a escassez

O amontoado de folhas mortas, marrons e pretas, traz variações para o amarelo do inverno, providenciais para os mamíferos predadores que têm pelagem malhada. Como nessa época do ano a maioria das presas circula menos, a facilidade em se esconder no cenário ajuda a compensar a dificuldade de caçar. É o caso do gato maracajá (*Leopardus wiedii*), um dos pequenos felinos brasileiros, que ocorrem em toda a Amazônia e também nas florestas tropicais e estacionais, do Pantanal até a América Central. Predador de ratos, filhotes de mamíferos, aves e lagartos, o maracajá sai preferencialmente à noite, mas não deixa passar uma presa ocasional também durante o dia, se houver oportunidade. Tem

grande habilidade na escalada e trânsito por troncos e ramos de árvores. É capaz até de subir e descer na vertical e até de se manter algum tempo suspenso apenas pelas patas traseiras, uma flexibilidade muito conveniente para quem vive de assaltar ninhos e surpreender presas aladas. Ainda é um animal pouco estudado, tanto que seu estado de conservação não está bem definido. Acredita-se que seja uma espécie naturalmente mais rara do que a jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e mais sensível às perturbações ambientais causadas pelo homem, portanto mais suscetível à perda de hábitat. Seu tamanho varia entre 50 e 72 cm de comprimento e 3 a 9 kg de peso, sendo os machos maiores do que as fêmeas



RICARDO RODRIGUES  
Brycon orbignyanus

## Águas claras para pesca e turismo

Como na grafia dos meses, também na pescaria há poucas mudanças de junho para julho. Algumas espécies continuam 'hibernando' enquanto os peixes de inverno estão mais ativos. Mas dá para esquecer um pouco as variações do clima - e apostar nos rios de Minas Gerais para cima que, nesta época, estão na calha, com água limpa. É o cenário preferido de peixes como a tabarana e a piraputanga, sendo que os cardumes desta última são também as estrelas do turismo de observação nos aquários de Bonito, no Mato Grosso do Sul.

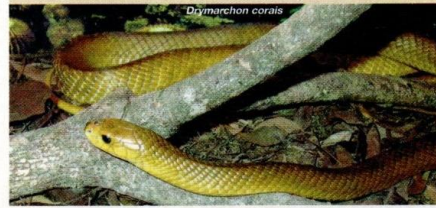
Para os pescadores que gostam de uma boa 'briga', os predadores continuam ativos: dourado, tucunaré, trairão, jacundá e dois peixes bem parecidos, o cachara, na Bacia do Prata, e o caparari, exclusivo da Bacia Amazônica.

No mar, o número de espécies que ocorrem em julho cai bastante. Teoricamente o mês é bom só para badejo, cavalinha, enchova e merluza. Mas a garoupa continua no litoral Sul brasileiro. Como ela gosta de água quente, nesta época ela deixa o frio do alto mar e se concentra nas águas quentes das baías. No litoral Norte, a opção é a pesca do tarpon (ou camarupim), em estuários e até em foz de rios e canais nos manguezais.

## Camuflagem provisória

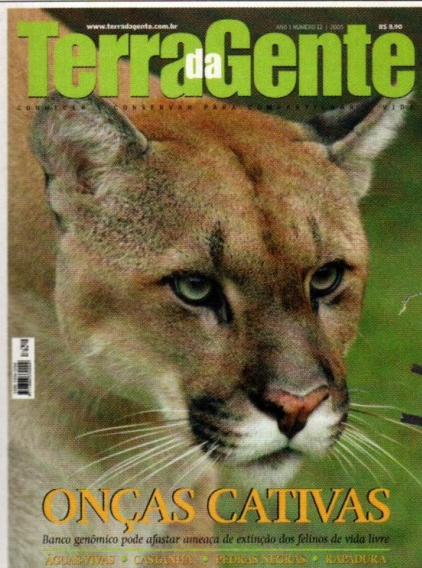
Em meio à vegetação seca, mesmo o amarelo vivo, sem listras ou desenhos, torna-se um bom disfarce para a caninana (*Drymarchon corais*), que ocorre no Pantanal. Como as outras cobras chamadas de caninana - embora pertençam a espécies diversas - esta também é 'brava' e morde, quando perturbada ou ameaçada, ainda que não tenha veneno. Ela manifesta seu nervosismo achatando o corpo e batendo a cauda no chão, num claro aviso de ataque iminente. Alimenta-se de sapos, rãs, pererecas e serpentes, que engole inteiros. Apesar de viver perto de lagoas e corixos pantaneiros, a caninana não é aquática: prefere terra firme e circula durante o dia, escondendo-se apenas nos dias de 'friagem' quando as frentes de origem polar obrigam a maioria dos animais a se abrigar. O corpo é longo, em geral superior a um metro, e as escamas brilhantes, parecendo úmidas, embora sejam bem secas.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI



Drymarchon corais

JOÃO FREIRE



Ideal para seu pai esquecer o leão do imposto de renda.



DÊ UMA ASSINATURA DE Terra da Gente NO DIA DOS PAIS GANHE UM LINDO GIFT CARD PARA ENTREGAR NO DIA E UM BONÊ DA EQUIPE DA REVISTA LIGUE AGORA: 0800 703 3788

CÓDIGO 025/05 - PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 28/07/2005